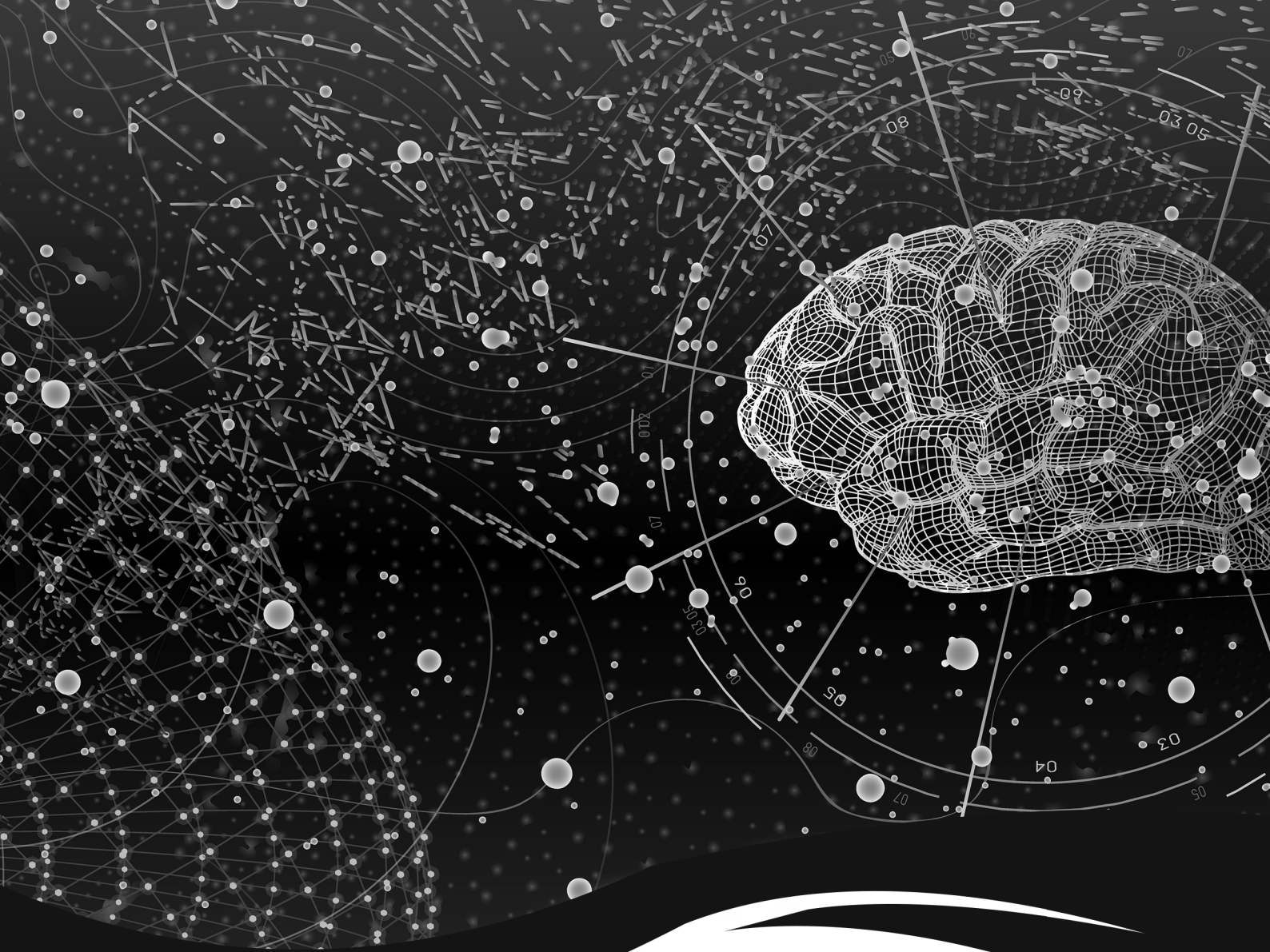




MARIA IZABEL MACHADO  
(ORGANIZADORA)

# FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019



MARIA IZABEL MACHADO  
(ORGANIZADORA)

# FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)<br/>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |  |
|---|--|
| F488  | Filosofia contemporânea [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.<br>Modo de acesso: World Wide Web.<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-85-7247-708-6<br>DOI 10.22533/at.ed.086191710<br><br>1. Filosofia – Estudo e ensino. I. Machado, Maria Izabel.<br><br>CDD 100.7 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |  |

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Filosofia Contemporânea” aqui apresentada é composta de 12 capítulos que têm como fio condutor as contribuições da filosofia para pensar o hoje. Embora a filosofia seja o alicerce sobre qual se assentam as reflexões desenvolvidas na obra cabe destacar seu caráter multidisciplinar, uma vez que ao se desafiarem a produzir reflexões sobre o vivido os autores e autoras o fizeram considerando o dinamismo da existência e a complexidade do existir.

Os temas desenvolvidos ao longo da obra foram ordenados de maneira a aproximar tematicamente seus autores, razão pela qual não há uma ordem de importância numericamente estabelecida. Do primeiro ao último o mérito está na reflexão em si e não na relevância do trabalho.

Dentre os primeiros quatro capítulos se encontram reflexões focadas no sujeito e nos desafios de existir frente ao sofrimento, frente ao absurdo da vida. As tensões entre liberdade, vontade e responsabilidade nos conduzem a um empreendimento reflexivo que como menciona um dos autores nos sensibiliza para o perpétuo nascer e perecer da existência.

As temáticas do segundo bloco de capítulos, entre o 5º. E 7º, reúnem reflexões acerca da modernidade e seus desafios. Se fosse possível concentram em uma questão poderíamos perguntar: o que estamos fazendo do mundo e de nossas vidas nele? As tecnologias que de forma quase totalitária orientam nosso cotidiano contemporaneamente também impõem seus custos: se por um lado nos lançam para o progresso, de outro nos recordam dos desafios éticos da manipulação da vida, dos perigos do sequestro de sentido pelo uso incessante de equipamentos e nos confinam no encurtamento do tempo.

O terceiro e último bloco tem um caráter, se assim podemos afirmar, mais propositivo. É possível nos resgatar como humanidade? É possível que a beleza e o compromisso ambiental nos restabeleçam sentidos adormecidos? As contribuições presentes a partir do 8º. Capítulo nos convidam, desta forma, a pensar acerca das contribuições filosóficas não apenas para uma vida boa, mas para uma vida melhor. Esse caminho, como chama a atenção um dos autores, só será possível mediante o compromisso com a natureza, com nossos pares e com nossa própria subjetividade.

Desta maneira convidamos leitores e leitoras a essa viagem pela busca de sentido, na problematização da vida e nas práticas transformadoras tendo a filosofia como farol.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| A NOÇÃO DE TRIEB E SOFRIMENTO EM SCHOPENHAUER E FREUD  |           |
| <a href="#">Suely Poitevin</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917101</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>8</b>  |
| A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE THEODOR ADORNO  |           |
| <a href="#">Juliano Bernardino de Godoy</a>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917102</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>20</b> |
| AS TEORIAS DO RECONHECIMENTO: CHARLES TYLOR E AXEL HONNETH   |           |
| <a href="#">José Vitor Lemes Gomes</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917103</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>35</b> |
| O MAL EXECUTADO POR PESSOAS NORMAIS E SENSATAS: DOS HORRORES DO NAZISMO À MODERNIDADE LÍQUIDA          |           |
| <a href="#">Fernando Zan Vieira</a>  |           |
| <a href="#">Waislan Nathan Ferreira Oliveira</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917104</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>39</b> |
| PARIS NO SÉCULO XX, LISBOA NO SÉCULO XXI OU A MONOTONIZAÇÃO DO MUNDO: A IDEIA DE CIDADE NO ANTROPOCENO |           |
| <a href="#">Bruno Rego</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917105</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>51</b> |
| CRISE, TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE                        |           |
| <a href="#">José Rangel de Paiva Neto</a>  |           |
| <a href="#">Ingridy Lammonikelly da Silva Lima</a>   |           |
| <a href="#">Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917106</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>63</b> |
| A RAZÃO COMUNICATIVA COMO ALTERNATIVA PARA A RAZÃO INSTRUMENTAL NA BIOÉTICA GENÉTICA                   |           |
| <a href="#">Miguel da Silva Santos</a>   |           |
| <a href="#">José Luis Sepúlveda Ferriz</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917107</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....  | <b>75</b> |
| MARCUSE E A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE: UMA INTRODUÇÃO  |           |
| <a href="#">Helio Fernando Lôbo Nogueira da Gama</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.0861917108</b>   |           |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....  | <b>83</b>  |
| UMA LEITURA ESTÉTICA DO REI DO POP À LUZ DO PENSAMENTO KANTIANO                              |            |
| Cláudia de Araújo Marques  |            |
| Marcos Antonio Firmino   |            |
| Renato Gonçalves de Oliveira   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.0861917109  |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....   | <b>91</b>  |
| FILOSOFIA DO DIREITO: UMA BREVE ANÁLISE  |            |
| Adelcio Machado dos Santos   |            |
| Joel Cesar Bonin   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.08619171010   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....   | <b>105</b> |
| O ENGAJAMENTO E O ENSINO FILOSOFIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELISETE TOMAZETTI |            |
| Maria Catarina Ananias de Araújo   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.08619171011   |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....   | <b>115</b> |
| UMA ARTICULAÇÃO ECOSÓFICA NA CONTEMPORANEIDADE   |            |
| Kellison Lima Cavalcante   |            |
| DOI 10.22533/at.ed.08619171012   |            |
| <b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....  | <b>125</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....  | <b>128</b> |

## O ENGAJAMENTO E O ENSINO FILOSOFIA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELISETE TOMAZETTI

**Maria Catarina Ananias de Araújo**

Mestranda em Filosofia pelo Prof-Filo, núcleo  
UFCG

mariacatarinaan@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão acerca do ensino de filosofia tomando por base a ideia de engajamento defendida pela professora e pesquisadora Elisete Tomazetti. O engajamento, na perspectiva sartreana diz respeito ao movimento de tomada da consciência de si mesmo e do mundo, o que torna o homem comprometido com os problemas sociais de seu tempo e com as transformações necessárias, o engajamento portanto, pode conduzir uma sociedade para a sensibilização e politização. Elisete Tomazetti se apropria desse importante conceito no ensino de filosofia, para nos demonstrar que ele pode fazer a diferença na sala de aula, uma prática docente engajada e problematizada, sensibiliza os alunos, tornando-os mais críticos, politizados e capazes de compreender sua realidade. Por esses motivos, acreditamos ser interessante refletir sobre o ensino de filosofia engajado e suas possibilidades de aplicação na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tomazetti, ensino, filosofia, reflexão, engajamento.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Elisete Tomazetti é uma autora cuja a produção tem grande impacto na reflexão sobre os rumos do ensino de filosofia no Brasil atual. Preocupada com a formação de professores de filosofia e com uma prática de ensino efetiva e transformadora que motiva os jovens a aprender a filosofar, defende o conceito de ensino engajado como alternativa viável para promoção de um saber filosófico interligado com a realidade dos nossos estudantes.

Nessa perspectiva, como objeto de estudo propomos a analisar o conceito de engajamento e sua importância no contexto do ensino de filosofia questionando se há espaço para sua implementação na sala de aula. Assim sendo, construiu-se pontos que nortearam este trabalho:

1. O engajamento na filosofia: pensando a partir de Sartre.
2. Elisete Tomazetti: o conceito de engajamento no contexto do ensino de filosofia.
3. A aula de filosofia: um espaço de engajamento?

No que se refere à metodologia, se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Assim, tratar-se-á de levantar um acervo teórico capaz de pavimentar e alicerçar o artigo,



contemplando, aqui, primordialmente, textos fundamentados no pensamento de Tomazetti, como também, expandindo a compreensão bibliográfica, a outros autores do campo do ensino de filosofia.

Acreditamos na relevância desse estudo, ainda que em sua fase embrionária para buscarmos compreender com mais clareza o que significa um ensino de filosofia engajado e a partir dele, tentar implementar uma prática docente capaz de inquietar a nós mesmos, enquanto professores de filosofia e instigar nossos alunos a conhecer o mundo da filosofia de uma forma problematizada e relacionada com seu cotidiano.

## 1 | O ENGAJAMENTO NA FILOSOFIA: PENSANDO A PARTIR DE SARTRE

A filosofia sartreana em termos mais gerais é uma fonte de pessimismo quanto ao homem, como bem coloca Franklin Leopoldo e Silva em seus escritos sobre Sartre, o homem já traz consigo, desde que nasce o peso da liberdade, que posteriormente implicará na responsabilidade, é uma filosofia pessimista por que na visão de Sartre o homem é um projeto inacabado, sem essência e sem natureza e por essa razão sofre com a liberdade que lhe atribuída.

Este ser inacabado chamado ser humano, tem sempre a obrigação de se fazer e ser responsável por aquilo que faz, o que na perspectiva Sartreana, remete ao engajamento. Dito isto, o pessimismo para o filósofo, não pode ser entendido como negação da existência, ao contrário, a partir do seu reconhecimento ele pode impulsionar o ser para o enfrentamento dos problemas reais, para busca de realizações e para a afirmação do homem tal como ele é, sem se ater a ilusão com crenças de diversas ordens.

Dessa forma, como podemos pensar o termo engajamento colocado por Sartre? Primeiramente não podemos pensar este conceito sem remetê-lo a literatura, ela é essencial segundo Sartre, porque sua produção está diretamente ligada as condições sociais, políticas e existenciais pertencentes ao momento histórico em que é produzida, ou seja, ela possui uma função para além da arte e da estética.

Quando um escritor toma como elementos essenciais de sua obra seus aspectos sociais e escolhe “engajar-se” através de seus escritos a partir dos quais expressa, entre outras coisas, o embate entre a arte e o realismo político estamos, sem dúvida, no campo da literatura engajada. (MEDEIROS, PANTOJA, 2015, p.22)

Fica claro que a literatura é um importante instrumento de engajamento, onde o autor a utiliza como um meio de reflexão sobre as questões sociais, dando uma valiosa contribuição para a compreensão dos problemas de cada época e também promovendo através de sua leitura o comprometimento e a possibilidade de transformação social. Justificando o papel preponderante que ela ocupa na filosofia sartreana.

Esses escritores percebem que a sensibilidade estética pode se tornar um instrumento que convida o leitor a se entregar em um mundo de reflexões e pensamentos sobre os principais problemas da sociedade: o mundo das guerras, da luta das minorias, das desigualdades sociais etc. Há, por assim dizer, um compromisso do escritor com a sociedade. (MEDEIROS, PANTOJA, 2015, p.23)

Ao percebemos que há em Sartre a ideia de formar um escritor engajado, capaz de sensibilizar os leitores para uma leitura crítica e comprometida do mundo, podemos num segundo momento, pensar o engajamento numa perspectiva filosófica.

Filosofia e literatura estão interligadas para a construção de seres humanos engajados reafirmando o compromisso de liberdade que implica necessariamente, em comprometimento para enfrentar os dilemas que são próprios da existência. *"O engajamento literário tem uma função: que é falar ao outro, e de modo a que este produza atos de significação que o levem a conhecer-se e ao seu contexto"* (LEOPOLDO e SILVA, 2006, p.79). Esta função do engajamento literário também é uma função filosófica, a filosofia existencialista de Sartre representa um convite ao engajamento, uma vez que, seu papel é convocar o homem para compreender a si próprio, a realidade e conseqüentemente se assumir como é.

O engajamento é, na sua acepção mais geral, se assim podemos dizer, conseqüência de que o homem é uma questão para si mesmo, e uma questão, ao mesmo tempo, pessoal, social, metafísica e histórica, que se constrói no entre meio de uma relação em que a subjetividade somente se revela ao objetivar - se, revelação que supõe, portanto, um processo em que a subjetividade não se dissolva nas determinações objetivas. (LEOPOLDO E SILVA, 2006, p.80)

Engajar-se, é portanto, está atrelado de forma consciente a uma condição de liberdade e de responsabilidade que permite ao indivíduo pensar sobre diversas questões de cunho ético, social, cultural e assim por diante. Aquele que pensa de forma engajada é capaz de transformar o meio onde vive dando sentido a sua existência. Uma vida engajada seria uma vida mais autônoma e autêntica:

Sartre define a autenticidade em termos de estar totalmente consciente, aceitar e assumir a responsabilidade pela situação de alguém. Se a autenticidade requer que estejamos plenamente conscientes de nossa situação e por ela assumamos responsabilidade, e se nosso ser-para-outro é parte necessária de nossa situação, a autenticidade requer que estejamos plenamente conscientes de nosso ser-para-outro e que o aceitemos. (BURSTOW, 2005, p.111)

Pensando o engajamento sartreano na perspectiva da educação, só é possível promover uma formação autêntica, emancipadora, livre e consciente se o conceito de engajamento estiver presente como uma possibilidade viável de transformação da consciência dos indivíduos sobre sua responsabilidade consigo mesmos e com os outros.

Acreditamos ser nesse sentido que a professora Elisete Tomazetti se apropria desse importante conceito da filosofia de Jean Paul Sartre, para buscar uma reflexão sobre o ensino de filosofia no Brasil, e ao mesmo tempo apontar sua compreensão e possibilidade de aplicação na sala de aula como uma tentativa de promover um ensino de filosofia mais condizente com a realidade de nossos jovens.

O engajamento pode ser definido como um movimento de apropriação da consciência de si mesmo, e do mundo a sua volta, tornando o indivíduo mais politizado, autêntico e responsável. Esse movimento faz o homem compreender que sua existência está atrelada não apenas a questões individuais mais também a problemas sociais,

políticos e existenciais e assim ele será motivado a discuti-los e desnaturalizá-los.

O indivíduo engajado exerce o enfrentamento da realidade de forma corajosa, resistindo a toda tentativa de manipulação de pensamento, de cerceamento de sua liberdade e autenticidade, estando mais preparado para “administrar” os problemas que surgem no seu caminho.

## **2 | ELISETE TOMAZETTI: O CONCEITO DE ENGAJAMENTO NO CONTEXTO DO ENSINO DE FILOSOFIA**

A filosofia e seu ensino no nosso contexto atual, tem provocado inquietações e discussões de diversas vertentes ideológicas e levado os pesquisadores mais dedicados na área a questionar qual o nível de efetividade que o ensino de filosofia tem exercido nas salas de aula das escolas brasileiras, mais especificamente, no ensino médio?

De fato, o de ensino de filosofia precisa ser objeto de constantes reflexões e tentativas de aperfeiçoamento mais, a questão não é fácil de ser respondida, são muitas as reclamações de professores e alunos a respeito do como se ensina filosofia, um costuma culpar o outro e no final não se chega a nenhum consenso.

Evidentemente, esse problema de como relacionar-se com a filosofia e seu ensino precisa ser discutido e superado e para tanto, acreditamos no engajamento do professor como um meio de conciliação e harmonização na sala de aula, adotando uma postura engajada sobre qual filosofia ensinar e que objetivos se pretendem atingir com ela pode ter como consequência o engajamento também do aluno e através dele, abrir espaço para o diálogo filosófico, à troca de experiências e a construção do filosofar, estabelecendo a prática de ouvir uns aos outros. Conforme descreve Kohan:

Consideramos, por exemplo, a prática de escutar atentamente aos outros membros da comunidade. Isto é condição do dialogo filosófico: não há diálogo se os participantes não se escutam com atenção. Ao mesmo tempo, ela cultiva a autoestima naqueles que se sentem reconhecidos pelos seus pares como portadores de uma linguagem significativa, e promove a reciprocidade e a cooperação quando quem escuta atentamente tem a sua vez de falar (KOHAN,2000, p.108)

Nos apropriando das palavras de Kohan é importante refletirmos sobre o ensino de filosofia, na perspectiva do engajamento, uma vez que, por meio dele o professor de filosofia pode empreender o que a professora Elisete Tomazetti chama de “discurso da resistência” na escola para experimentar algo novo nesse ambiente onde, muitas vezes as hostilidades estão presentes.

O discurso da resistência, esta interligado com o engajamento e ambos não podem caminhar separados. Atuar de forma engajada na escola implica resistir aos discursos tradicionais, as posturas dogmáticas do ensino, ligadas ao conformismo, ao derrotismo e a uma falsa ideia de emancipação. Corroborando com Tomazetti:

Tais perspectivas, considero, não contemplam a complexidade deste nosso

tempo, que tem produzido modificações em nossos modos de existência. Por isso, procurarei defender aqui a ideia de que o discurso de atuais e futuros professores, com os quais convivo, está centrada ainda numa perspectiva moderna e crítica, caindo desta forma em *becos sem saída, em labirintos argumentativos*, que impedem produção de outras práticas no interior da escola e nos espaços de formação superior (TOMAZETTI,2009, p.45)

Superar essas posturas é condição indispensável para a implementação do ensino de filosofia na perspectiva do engajamento, para tanto é necessário que o professor esteja disposto a repensar sua própria prática e numa visão de conjunto, refletir e mudar seu pensamento sobre o sentido atual da escola, não aceitando passivamente o modelo descrito por Tomazetti:

É como se a escola, a sala de aula e os currículos fossem considerados uma caixa blindada, em cujo interior apenas se recitam versos prontos e uma oratória já ensaiada e da qual é impossível fugir, conseguindo-se, no máximo, bater-se, sem sucesso, contra suas paredes de aço. Certamente que reconhecer a caixa é importante, porém mais ainda é compreender que sua estrutura, o material de que é feita, tem-se modificado ao longo do tempo, e dentro dessa caixa ocorrem jogos de poder e de saber que permitem ações e reações (TOMAZETTI.2009, p.41)

Talvez um dos principais impedimentos para o ensino de filosofia engajado, seja a falta de uma visão mais ampla da instituição escolar, no sentido não apenas de perceber seus problemas, mais de ir além disso, perceber que a escola na mesma medida que oferece amarras, também possibilita nas entrelinhas as condições de se libertar delas.

E é justamente nesse movimento de percepção que se abre espaço para engajar-se e resistir, propiciando a si próprio e aos seus pares uma nova forma de trabalhar a filosofia. Escutar os alunos, abrir espaço para dialogar, valorizar a participação de todos independente de suas posições pessoais como defende Kohan pode ser um bom início.

As falas de Elisete Tomazetti e Walter Kohan respaldam a ideia de que não é impossível pensar o ensino de filosofia como engajamento mesmo diante de um modelo de ensino tradicional, enciclopédico, desde que o professor consiga se desprender das armadilhas introjetadas nas entrelinhas dos discursos pedagógicos, discursos que são facilmente aceitos em virtude de sua aparência democrática e emancipadora.

Adotar uma postura engajada implica, portanto, em desnaturalizar conceitos, questionar velhas ordens e romper preconceitos, é muito comum ouvirmos que a filosofia é desnecessária e não tem razão de ser ensinada para jovens do ensino médio, tendo em vista que estes não estão interessados em algo tão teórico e cansativo. Essa visão equivocada, não pode mais ser aceita como natural. Conforme Tomazetti:

É preciso que os professores consigam desnaturalizar a ideia de que os alunos são e agem de forma resistente ou indiferente à aula de Filosofia, mas não só a ela, porque assim desejam. Na verdade, eles foram sendo produzidos como alunos por determinadas práticas discursivas e não-discursivas ao longo de sua existência dentro e fora da escola. A questão é conseguir problematizar tais práticas de forma a fugir do recurso à culpa, e tentar encontrar algumas brechas que possam viabilizar algo de diferente que, mesmo na sua suposta pequenez, é da ordem da criação e da resistência. (TOMAZETTI,2009, p.48)

Engajar-se implica também em tentar desconstruir as subjetividades que são construídas socialmente para atender interesses específicos, somente se produz autonomia, no sentido de fazer com que cada um aprenda a caminhar firmemente, se houver o processo de desconstrução, só assim o professor pode obter ele mesmo, uma visão mais humanizada dos alunos e conseqüentemente tentar humanizá-los também.

Acreditamos que este é um ponto também muito importante da formação filosófica, a humanização dos indivíduos para tentar desviá-los do individualismo exacerbado, da falta de sensibilidade diante de um mundo cada dia mais imediatista.

Voltando para a questão colocada no início dessa seção: qual o nível de efetividade que o ensino de filosofia tem atingido nas salas de aula das escolas brasileiras, mais especificamente, no ensino médio?

Como dissemos, a questão não é fácil de ser respondida dada a complexidade da escola, dos currículos e do que se entende por ensino de filosofia. Entretanto, é possível afirmar que o conceito de engajamento tal como descrito pela professora Elisete Tomazetti “*Um engajamento da existência ou na existência*” pode ser uma saída viável para transformar o ensino de filosofia em algo efetivamente crítico e criativo. Engajado seria aquele ser que tem compromisso com o fazer filosófico buscando dá sentido à realidade através da filosofia e de seu ensino de modo crítico e comprometido, e isso não é algo impossível de ser feito.

Dessa forma, fica claro que o conceito de engajamento nunca foi tão necessário no contexto do ensino de filosofia, ressaltando que não o defendemos de modo isolado, como “salvação” para o pensar filosófico, reconhecemos que a limites para sua implantação, na mesma medida em que a possibilidades, o que podemos tentar fazer através dele, é algo diferente do que está em vigência e que parece não contribuir para o exercício do filosofar.

### **3 | A AULA DE FILOSOFIA: UM ESPAÇO DE ENGAJAMENTO?**

Pensar a aula de filosofia como um espaço de engajamento não é algo simples como bem assinala a professora Elisete Tomazetti, os motivos são diversos e a maioria dos pesquisadores e professores de filosofia já os conhecem, eles versam principalmente, sobre questões de formação de professores, estrutura das escolas públicas, materiais didáticos, problemas na relação professor/aluno enfim, dificuldades que certamente limitam as possibilidades de engajamento na aula de aula.

Entretanto, não podemos esperar que as necessárias mudanças no nosso sistema educacional aconteçam para agirmos enquanto filósofos e professores de filosofia, devemos lutar, reivindicar, mais, acima de tudo mostrar resistência no dia a dia da escola.

O Engajamento é um movimento que pleiteia resistir, o aluno do ensino médio

embora tenha acumulado notórias dificuldades durante seu percurso escolar tais como: problemas de escrita, ausência de uma prática de leitura, desinteresse pelas aulas, ambientes escolares muitas vezes insalubres é um indivíduo que, quando convidado a resistir, a superar obstáculos responde ao professor.

É possível o professor de filosofia buscar meios de “convidar” seus alunos a buscar uma aprendizagem lúdica e ao mesmo tempo uma apreensão rigorosa dos conceitos filosóficos, para isso é fundamental para o professor abrir espaço para o diálogo, ouvir os alunos, buscar entender suas demandas, aproximar a filosofia do cotidiano deles, para que a aula não se torne enfadonha, improdutivo. Os próprios estudantes reivindicam essa posição do professor. De acordo com Tomazetti:

Os alunos relatam que ouvem um conteúdo, uma explicação sem sentido, muito teórica, muito antiga, em uma aula, tantas vezes, tumultuada e até com falta de respeito entre colegas. Assim, para eles é difícil estabelecer uma relação de sentido com a filosofia; não entendem por que devem estudar autores “gregos”, antigos, de outro tempo, que não lhes dizem nada de interessante hoje. (TOMAZETTI,2007, p.74)

Desse modo, pode-se perceber que o aluno tem interesse na filosofia e consciência crítica sobre o seu ensino, encontramos relatos como o que foi acima descrito em qualquer escola de ensino médio do país. Isso indica que existem estudantes dispostos a aprender, o que eles não admitem mais é a forma como se ensina, rejeitam nitidamente o modelo de ensino conteudista, excessivamente teórico, informativo, explicador tal como critica o filósofo francês Jacques Ranciere:

A lógica da explicação comporta, assim, o princípio de uma regressão ao infinito: a reduplicação das razões não tem jamais razão de se deter. O que detém a regressão e concede ao sistema seu fundamento é, simplesmente, que o explicador é o único juiz do ponto em que a explicação está, ela própria, explicada. (RANCIERE,2002, p.18)

É esse modelo de ensinar filosofia que o aluno dispensa e não a filosofia em si, a educação centrada apenas na explicação do professor e nos conteúdos não atendem já a bastante tempo o interesse dos jovens e os afastam do conhecimento filosófico. Eles passam a julgar a filosofia como algo distanciado, desconectado com a realidade.

Quando os alunos relacionam filosofia com o antigo, o velho, o teórico, o culto, indiciam que não estão se envolvendo na aula. Por isso, eles enfatizam a necessidade que têm de prestar atenção, de se concentrarem para chegar à compreensão. Reconhecemos aí um distanciamento da filosofia, que poderia ser superado pela produção inicial de problemas com os quais eles se conectem. (TOMAZETTI,2007, p.70)

O que eles almejam é um ensino de filosofia que faça sentido no contexto das suas vivências e, é nesse ponto que se pode criar o ambiente propício para que a sala de aula se torne um espaço de engajamento. Isso implica diretamente na atuação do professor de filosofia, ele pode implementar um ensino engajado, promovendo a problematização dos conteúdos, construindo uma ponte entre a história da filosofia, seus temas, seus problemas e o reflexo deles na vida diária. Junto a isso, também é

muito importante que o professor demonstre que ele próprio é engajado e acredita naquilo que ensina, a postura engajada do professor pode ser decisiva para o engajamento do aluno.

O engajamento unido a problematização são armas fundamentais para atrair a atenção do aluno e fazê-lo perceber a escola como um meio de transformação para sua vida e que como consequência se dá conta que aprender filosofia pode ser desafiador.

Se na aula de filosofia do ensino médio os alunos são desafiados a acionar seu pensamento, isto significa que eles passam a ter condições de participar deste mundo, compreendendo e resistindo aos processos de alienação e de homogeneização. (TOMAZETTI,2007, p.75-76)

Seguindo a linha de pensamento de Elizete Tomazetti, a aula de filosofia pode ser um espaço de abertura para o pensamento crítico, os alunos podem ser provocados a ligarem os problemas da filosofia aos seus próprios problemas e com isso tomar posicionamento diante do mundo.

Esse certamente o papel do ensino de filosofia, contribuir para a formação de sujeitos que se reconheçam como parte do mundo e que são capazes de interferir nele de forma criativa e positiva e que o conhecimento filosófico pode proporcionar-lhes as habilidades de pensar segundo convicções firmes, pautadas nos ideais democráticos, na valorização de si, no respeito as diversidades.

Vale salientar, como já foi mencionado anteriormente, que não se trata de uma tarefa fácil, a sala de aula é um espaço dinâmico, complexo e que reflete também os conflitos e tensões que extrapolam muros da escola e escapam ao controle tanto da instituição, como do próprio professor. Ainda assim, é possível acreditar que abrindo espaço para o diálogo e para a participação respeitosa dos estudantes podemos pavimentar o caminho para o engajamento.

Concebemos uma aula de filosofia como o lugar para colocar em ação o trabalho do pensamento e isto implica a paciência, a escuta para chamar o aluno, para fazê-lo participar com seus problemas, suas questões, com suas dúvidas. (TOMAZETTI,2007, p.62)

Para além de todos os problemas e complexidades que enquanto professores de filosofia encontramos na sala de aula, é nela que o processo de filosofar pode acontecer, na relação direta entre o professor e o aluno que nem sempre será harmoniosa mais que pode ser construída de maneira harmonizada a depender da postura que se adota, e é por essa razão que acreditamos na possibilidade da sala de aula de filosofia ser um lugar de engajamento. Ou seja, um lugar possível de pensar a realidade de forma crítica, rigorosa e criativa, deixando de lado as amarras do tradicionalismo e da transmissão de conhecimento sem qualquer significação.

Na aula de filosofia, é mais que necessário romper com a visão tradicional de aula, já tão criticada, mais dificilmente abandonada, de um espaço de transmissão de conhecimentos. Ela deve ser um espaço no qual os alunos não sejam meros espectadores, mas sim ativos, produtores, criadores. (ASPIS, GALLO,2009, p.41)

Embasando-nos na definição de aula de filosofia acima, é possível afirmar que o engajamento é um importante instrumento de ressignificação de conteúdos e de mobilização na produção de conhecimentos que nos fazem refletir e agir na construção de um ensino de filosofia autêntico e ativo.

Respondendo à questão do enunciado, a aula de filosofia é um espaço de engajamento? Não dá para afirmar que sim, mais podemos afirmar que há possibilidades para torná-la por intermédio da criatividade e do compromisso com ações ativas como é próprio do filosofar.

Atendendo assim, a demanda dos estudantes de filosofia do ensino médio, que podem se dispor a aprender desde que essa, seja aplicada de forma politizada e contextualizada com suas demandas individuais e sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática do ensino de filosofia no Brasil envolve uma série de questões: formação de professores, metodologias, materiais didáticos, concepções de ensino e a própria forma de estruturação do sistema educacional. As questões enumeradas, estão no cerne do discurso entorno da educação filosófica e ainda que não tenham sido tratadas de modo específico neste trabalho não podem ser desconsideradas.

As amarras institucionais, a precarização da atividade docente, o preconceito contra a disciplina de filosofia no ensino médio também são gargalos a serem enfrentados na rotina de trabalho. Em que pese tudo isso, a professora Elisete Tomazetti nos aponta para uma saída bastante interessante para nossos problemas que é o ensino engajado.

O que podemos perceber através da compreensão desse conceito é que para além de todos os obstáculos é possível resistir, no jogo de poder que permeia o ambiente escolar não há espaço somente para a aceitação passiva, também existem caminhos para resistência, como bem pontua nossa autora.

Não podemos esquecer de um detalhe importante: somos seres dinâmicos, ativos, livres e responsáveis, essa é nossa condição essencial, e a partir desse reconhecimento é possível resistir a passividade imposta pelo modelo de ensino ainda enciclopedista.

É nesse momento que o ensino engajado pode entrar em cena e promover o dinamismo, a participação ativa dos alunos em sala de aula e sensibilizá-los para o reconhecimento da filosofia como algo que faz parte da vida deles e que por isso pode fazer também a diferença.

Em suma: o engajamento aplicado ao ensino de filosofia pode contribuir para uma formação filosófica comprometida com a compreensão da realidade e com ações efetivamente transformadoras, razões pelas quais podemos tentar implementá-lo.



## REFERENCIAS

MEDEIROS, Alessandro Melo, PANTOJA, Luana de Vasconcelos. *Filosofia Existencialista e Literatura Engajada: Entre Sartre e Simone de Beauvoir*. Revista clareira. Volume 2, Número 2 – Ago-Dez/2015.

ASPIS, Renata Lima. GALLO, Silvio. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e educação, 2009.

BURSTOW, Bonnie. *A filosofia sartreana como fundamento da educação*. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 70, Abril/00.

KOHAN, Walter O. *Fundamentos para compreender e pensar a tentativa de Matthew Lipman*. In: KOHAN, Walter; WENSCH, Ana Miriam (orgs.). *Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (Série Filosofia na Escola)

LEOPOLDO e SILVA, F. *Literatura e Experiência Histórica em Sartre: o engajamento*. Curitiba, São Carlos, dois pontos, vol. 3, n. 2, p.69-81, outubro, 2006. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.5380/dp.v3i2.6514>>. Acessado em 14/07/2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual* (trad. Lilian do Valle). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TOMAZETTI, Elisete M. *Filosofia no ensino médio e seu professor: algumas reflexões*. <Educação v. 27, n. 2, jul. /dez. 2002 >

\_\_\_\_\_. *A relação dos jovens com a filosofia no ensino médio*. p [accessed Jul 07 2018].

\_\_\_\_\_. *Sobre ensino, aprendizagem e resistência na aula de Filosofia do Ensino Médio*. Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE. Número 13: novembro/2009 – abril/2010.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MARIA IZABEL MACHADO** Possui graduação (Bacharelado em Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia.

Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas.

Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio.

No ensino superior atuou na Universidade Federal do Paraná (Departamento de Sociologia), na Universidade Estadual de Ponta Grossa (Departamento de Educação) e atualmente atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), ministrando disciplinas de sociologia da educação, cultura brasileira e gênero. Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura.

Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acidentes 52, 56, 59, 60, 61, 62

Acumulação Flexível 53, 54, 56

Antropoceno 39, 40, 42, 45, 46, 48, 49

Autointerpretação 21, 24

Autonomia 8, 11, 13, 16, 24, 29, 43, 64, 65, 72, 80, 95, 110

### B

Banalidade Do Mal 35

### C

Cidade 22, 26, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 57, 62

Conflito 2, 4, 6, 20, 28, 31, 33, 67

Consciência De Si 30, 105, 107

### E

Ecologia 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123

Ecosofia 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124

Educação 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 29, 35, 91, 107, 111, 113, 114, 115, 123, 125

Ensino De Filosofia 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Ensino Engajado 105, 111, 113

Escola De Frankfurt 78

Estética 9, 10, 11, 15, 19, 53, 83, 84, 90, 106

Ética 28, 29, 35, 53, 63, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 95, 101, 121

Eugenia 63, 64, 65, 66, 69, 70, 72, 73, 74

### F

Filosofia Do Direito 91, 92, 93, 95, 101, 104

### G

Genética 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73

### I

Identidades 27

Industria Cultural 17

### L

Liberdade 2, 3, 7, 12, 14, 16, 29, 37, 43, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 87,

88, 89, 100, 101, 106, 107, 108

Linguagem 12, 14, 21, 22, 63, 65, 67, 68, 69, 73, 74, 102, 108

## **M**

Massificação 8, 12, 16, 17, 58

Materialismo Histórico 75, 76, 77, 78, 79, 82

Mecanosfera 121

Meio Ambiente 15, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123

Modernidade Líquida 35, 37

Moral 20, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 63, 69, 71, 72, 74

## **N**

Nazismo 35, 36, 80

Neomarxismo 75

Norma 31, 71, 91, 94, 95

## **P**

Performance 83, 87, 88, 89

Pulsão 1, 3, 6

## **R**

Razão Comunicativa 63

## **S**

Sufrimento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 12, 37

## **T**

Tecnologia 8, 15, 39, 40, 41, 42, 52, 58, 81, 115, 124

Telefonia Móvel 52, 58, 59

Teoria Crítica 10, 15, 19, 54, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Teorias Do Reconhecimento 20

Trânsito 41, 52, 56, 58, 60, 61, 62

Trieb 1, 2, 3, 4, 6, 7

## **U**

Unidimensionalidade 39, 42, 46

## **V**

Valor 23, 24, 25, 91, 93, 94, 95, 97, 101, 119, 120

Vontade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 23, 31, 32, 33, 84, 99, 118

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-708-6



9 788572 477086